



Ὁ Μητροπολίτης Μπουένος Άϊρες Ἰωσήφ

HOMILIA

Sábado de Lázaro

*«Cristo, a alegria de todos, a Verdade, a Luz, a Vida do mundo,
a Ressurreição aos que estão na terra foi revelada por sua bondade,
e tornou-se paradigma da ressurreição final,
concedendo a todos a divina remissão»*

Kondákion da festa

Hoje é o começo da Semana Santa e a Igreja, com a comemoração do evento da ressurreição de Lázaro, dá a *chave de leitura* de todo esse *gesto heroico* durante o qual, a morte, o mais obstinado inimigo do homem é derrotado.

É assim como a Semana Santa começa, com a evocação deste evento milagroso – a ressurreição do que jazia morto há quatro dias – como tipo e modelo da ressurreição do autor do milagre. Consequentemente, a chave de leitura da Semana Santa, de acordo com a Tradição dos Padres, é a **vida** mesma; ou melhor, a **sobre-Vida**; a **meta-vida**.

Muitas vezes, especialmente no Ocidente, identificamos a Semana Santa com os eventos da paixão e morte de Jesus. Obviamente nos comovem; ficamos perplexos ante a barbárie humana sem fim; ante a dor, a injustiça e a própria morte. No entanto, o sofrimento e a morte não têm papel principal em nossa leitura. Constituem apenas um estágio – necessário, é claro – que precede a principal realidade que domina toda a jornada até o fim de todo o drama cristico, que é sua vitória sobre a negatividade humana em sua expressão mais profunda, intensa e inexplicável.

O pano de fundo de toda a jornada é, pois, a **restauração** de todas as coisas, a **recapitulação – e perfeição** – de toda a criação em Cristo e, claro, a

anulação da realidade que mantinha os homens em cativeiro e que se traduzia em pecado, corrupção e morte. Mesmo no auge do drama messiânico, na Quinta e sexta-feira Santas, os hinógrafos evocam a ideia central de todo o memorial que é o triunfo da Vida: «(...) *Ó Filantropo, Juiz dos vivos e dos mortos, que vieste dar a Vida e não a morte, glória a Ti*» (Aposticha Idiomela do Ofício da Paixão) «*Ó morto, desnudo, Logos do Deus Vivo, Tu és um Deus verdadeiramente vivo, mesmo estando morto na cruz*» (Versículos à Crucifixão do Ofício da Paixão).

É que a realidade da morte não pode se mesclar com a de Deus que é por natureza Vida e sobre-Vida, Eternidade que transborda para que todos bebam e se tornem, por sua Economia, incorruptíveis. E se a morte em algum instante coincide com Deus é apenas por causa de sua inexplicável e incomensurável filantropia, aquela *condescendência* que permite que as leis da natureza e da sobre-natureza *se entrecruzem* para que o homem tenha a «*possibilidade*» - a potestade - de também derrotar seu inimigo até então último.

Chamando Lázaro de entre os mortos, Jesus – o Cristo – revela uma vez mais de sua identidade. Como homem, chora o amigo; como Deus ressuscita-o; outra *teofania*, a última e (quase) definitiva. Alguém esperava outra coisa? As escrituras enfatizam que Lázaro havia morrido quatro dias antes. De todas as vezes que Cristo realizou a ressurreição, a decisiva foi a de Lázaro. Não havia dúvida sobre sua morte. Então, aqueles que queriam eliminá-lo tomam a decisão. Este homem não poderia mais boicotar o *establishment* religioso da época. Não foram apenas os milagres que os desqualificava; foi sua proclamação, seu discurso, agudo, objetivo, irrevogável, intransigente, e, acima de tudo, sua própria vida a que os fazia descobertos.

Jesus sabe o que deve sofrer. Mas, está certo de que «*deve subir até Jerusalém*» para cumprir o plano; com a economia divina – Providência – que pressupõe a morte, mas que visa sua própria derrota. Mais uma vez a vida surge como motivo de drama. É paradoxal. É que, necessariamente, há que se transcender a lógica e o pragmatismo aos que se está acostumado para poder *intuir, sentir e viver* essa nova dimensão, essa nova proposta que curiosamente nos desafia.

Porque há ocasiões em que a Vida nos desafia ainda mais que a morte. Porque há momentos - e este é um oxímoro - que a tragédia e o drama da corrupção e da morte nos cai bem por faltar coragem para enfrentar e assumir a liberdade, a liberalidade e a liberação próprias da Vida. A morte

oculta; a Vida revela; nos revela tal como somos; como estamos destinados a ser.

É que, eventualmente, se é o que se decide: viver ou morrer: **viver apesar da morte ou morrer já na vida**. Porque a Vida não é mera biologia; é o desafio diário de combater a negatividade, a corrupção e até a própria morte com a plena convicção, com a certeza irrevogável, de que temos *poder* sobre tudo isso e que já vencemos. Só porque Jesus, o Cristo, fez isso; e assim agradou ao Pai; e assim operou o Espírito. E isso nos basta. A vitória já é nossa.

Pois quando há »Cristo«, então já não há morte, nem pecado, nem corrupção:

Queres vencer a morte? Tenha Cristo.

Queres ter Cristo? Sê Cristo!

Queres ser Cristo? Então sê primeiro «nada»: para que Ele seja tudo.

Eis aqui a chave de tudo.

Eis a quintessência do memorial de sua paixão, morte e ressurreição.

Καλή Ανάσταση!!!